

VERDADE

Orgam de propaganda anti-jesuita

Collaboração de Diversos | ESTADO DE SANTA CATHARINA | Distribuição Gratuita

VERDADE

20—VI—904.

No dia 5 do corrente realizou-se nesta capital a procissão do *Corpo de Deus*, e ahi fomos testemunhas de um facto que podia ter tido como consequencia graves conflictos.

O sr. padre Topp, vigario desta parochia, vinha commodamente acobertado á sombra de um palio que lhe preservava a cabeça dos ardores dos raios solares e não satisfeito de ver com o chapéu na mão essa turba de curiosos que estacionava pelas calçadas, com o fim de assistir aquella passeiata incomprehensivel, dava com as mãos em gestos imperiosos, ordenando-lhe que se ajoelhasse á sua passagem!

Não negamos ao padre Topp o direito de organizar quantas procissões entender, pode mesmo fazer-las diariamente, porque, embora sejam ellas o attestado evidente do fanatismo e do atrazo de um povo, reconhecemos no entanto que não necessarios á igreja, cujo prestigio ficticio mantem-se á custa de eclames d'esta natureza.

O que porem o padre Topp de modo algum pode exigir é que as pessoas que têm senso, que não creditam em semelhantes bobagens, dobrem os joelhos no meio das ruas, pelo facto de passar uma procissão, que nada mais é do que uma reprodução das ceremonias do antigo paganismo e como tal attentatoria á civilização.

Não fomos dos que obedeceram á intimação do padre Topp, e si não collocamos o chapéu na cabeça foi porque sabemos respeitar as crenças alheias, por mais absurdas que sejam, e mesmo para não per-

turbar a ordem publica, provocando um conflicto que podia trazer graves consequencias.

Reconhecemos porem que tal conflicto tem forçosamente de dar-se, caso o sr. Topp continue a querer obrigar os *não catholicos* a prostarem-se de joelhos ante seus andores enfeitados, todas as vezes que entender de realizar suas passeatas pelas ruas da cidade.

Ao governo compete tomar uma providencia, ou lembrando ao vigario d'esta parochia de que não tendo o Estado religião official não reconhece portanto privilegios no catholicismo; ou decretando uma lei que acabe com estas cerimonias externas com que a egreja affronta as demais religiões.

Nesta Capital ha *livres-pensadores, protestantes, atheus*, etc, e em suas ruas transitam, quasi que diariamente, viajantes que podem pertencer a uma outra qualquer religião. Ora, todos reconhecem o quanto seria justa e razoavel a lei que prohibisse que taes individuios, em nome de um culto que nem todos professam, se apoderem com suas cerimonias, das ruas abertas ao transito publico.

Estas ruas pertencem a todos, indistinctamente, quaesquer que sejam suas crenças, e não particularmente aos catholicos romanos.

Em um paiz onde existe a liberdade de consciencia, é violar esta liberdade o exigir dos *não crentes*—signaes exteriores de respeito e reverencia para com manifestações publicas de um culto que se ostenta pelas estradas, em lugar de permanecer no interior dos seus templos, unico lugar em que pode exigir respeito.

REAÇÃO

N'um prelio nobre, vemos hoje empenhados milhares de combatentes valorosos que luctam com denodo em pról de um dos mais bellos principios, da aspiração mais nobre que é dado ao homem nutrir—a plena, a absoluta liberdade de consciencia!

Essa lucta dignificadora accentua-se brilhante e triumphal em todos os centros onde a civilização de conquista em conquista vae predominando, arrancando ás trevas do obscurantismo intellectual centenas e centenas de pessoas!

Campeões intemeratos, paladinos de uma causa sacrosanta, elles levam para a arena da batalha não as armas que tudo destroem, mas entram na lucta aprestados com a arma poderosa e irresistivel da Palavra convicente!

Referimo-nos a reacção que em toda a parte se offerece ás pretenções absurdas dos tonsurados de batinas, esses entes inuteis, que só visam o bem estar do seu eu!

Desconhecendo os encantos do lar; familia para elles é cousa sem valor; Patriotismo elles o desconhecem em absoluto, todas as bases, emfim, em que se assenta o grandioso e bello edificio social, para cujo levantamento todo o cidadão tem por dever concorrer,—para o jesuita nada mais são do que méras phantasias; elle vive em completa separação dessa grande massa de que se compõe a sociedade!

Reconhecido, hoje, o jesuitismo como elemento contrario á boa marcha e progredimento das nações, vemol o tocado de entre muitos povos.

O brado altisonante que partio lá da velha e gloriosa França, reboou pelo espaço em fóra e muitos povos n'um assomo do mais alevantado patriotismo, bradaram com Voltaire, uniram-se a França: *Esmaguemos o infame!*

Brasileiros que somos, confiamos nos sentimentos nobres que caracterisam os nossos patricios, esperando ver ainda este povo applicar com energia o antidoto que reclama a indemica peste jesuitica que infelizmente assola todos os recantos da nossa amada Patria!

Gésogal.

PEDRO TAULOIS

Sabemos ter sido esse nosso illustre amigo distinguido com a nomeação de adjunto para o estado-maior do commando do 1.º districto militar.

Excusado é dizer o quanto semelhante noticianos encheo de regosijo, não só por vermos galardoados os meritos de um patricio distincto, de um militar brioso, como porque trata-se do fundador d'esta folha, do companheiro intemerato, a quem os mandões da terra alliados ao jesuitismo, moveram tremenda guerra somente porque teve elle a *inaudita ousadia* de não bater palmas acertos actos de politicagem da época, assim como não trepidou em descarnar, em plena luz do dia, esse corpo onde moram tantas podridões e que se chama—Clero romano.

Pedro Taulois, esse coração aberto aos sentimentos nobres, esse amigo leale dedicado a quem votamos verdadeira affeição, deve sentir-se em extremo jubiloso por ver os seus meritos ainda mais uma vez justamente recompensados.

Enviamos-lhe, de coração, effusivas felicitações, promettendo-lhe não abandonar este posto em que nos collocou emquanto o jugo de ferro do jesuitismo maldicto e nefasto pezar sobreeste infeliz Estado que lhe servio de berço e a quem elle vota profundo amor.

MOCIDADE

Ao joven F. Monteiro

N'um desses momentos em que a imaginação alando-se célere transpõe as regiões chimericas e ideaes,—ora offerecendo-nos paizagens extraordinariamente bellas, ora envolvendo-nos em scenas encantadoras;—n'um desses momentos, o quadro que a meus olhos se descortinou foi simplesmente estupendo, arrebatador!

Em plena floresta, solapino, os raios scintillantes e vivificantes do Astro-lindó, davam um brilho singular ás collinas e valles que circundam a inesquecivel aldeia de... Eu, só, a sombra de frondosa arvore, contemplava embevecido as bellezas d'aquella paragem, quando de subito fui despertado por um vulto que de mim se aproximava.

Fitei-o, mas a sua formosura era tal que fiquei perplexo: era um typo admiravel!

Como que despertando de profundo lethargo, vi que o mancebo tinha em uma das mãos um livro aberto, no qual em caracteres bem visiveis li esta inscripção:

«Eu sou o representante do Bello:—força, emprehendimentos nobres, acções elevadas, tudo emfim que significa vida e grandeza está em mim:—eu sou a Mocidade!

Por uma deveza, a passos largos foi-se a Mocidade; e eu, de novo, só, meditando sobre o que acabava de ver, disse:

—Mocidade! Mocidade! como és bella, que horisontes vastos e sublimes se abrem diante de ti! Como te sorri a existencia!

A esperança, essa eterna companheira do homem, como te estimula na senda tortuosa da vida; para ti tudo são flores, tudo são risos; mas, Mocidade, permite que te diga: tu, como tudo que é terreno, és transitoria, és fugaz!...

Oscar.

GUERRA NIPPO-RUSSA

(Trad. da *Revue Maçonnique*)

Todas as nações christãs são sanguinarias. Com effeito, porque esta nova guerra? Qual a causa que a motivou? Chinezes e Japonezes eram pagãos, pacíficos, industriosos, tratando son ente dos seus negocios e completamente ignorantes da arte da guerra.

A China é desde muito a mais an-

tiga nação da terra. E' de tal modo velha que cae em ruínas. E' a lei das nações como a dos seres. Chega mesmo a ignorar sua idade que ninguém sabe ao certo; era já muito velha quando, segundo a lenda judaica, Adão e Eva vieram ao mundo. Ella viu numerosas nações surgirem e desaparecerem, elevarem-se e caírem em uma longa serie de nascimentos e mortes mandadas.

Existe ainda, e si deixarem-n'a tranquilla, existirá por milhares e talvez milhões de annos, depois que todos os povos presentes tiverem para sempre desaparecido na noite dos tempos.

A guerra actual teve lugar por causa da Mandchuria, que é uma preciosa extensão de terra, trez ou quatro vezes maior do que a França, com uma população de cerca de 10 milhões; clima e solo excellentes; riquezas mineraes consideraveis. Faz parte do Imperio chinês d'esde remota era a ponto de lhe ter fornecido a familia real.

E' uma das mais bellas regiões da China, não longe do Japão.

Ha alguns annos que os americanos tentaram introduzir na China e no Japão a sua religião e asua civilisação. A China a isto se opoz porem elles impuzeram-n'os á força e lentamente aos Japonezes, que não os queriam e protestavam, obrigaram a reconhecer o grande principio do Christianismo: *fazer aos outros o que não querem que se nos faça.*

Com a civilisação christã, os Japonezes apprenderam em breve a arte da guerra.

Começaram a preparar-se e armar-se para massacrerem seus semelhantes, em virtude do sublime principio: «Ami-vos uns aos outros!» o que de certo não teriam feito si tivessem permanecido pagãos. Os annos passaram-se. Os japonezes tornaram-se de tal modo civilizados e christianizados que sentiram se preparados para combater e roubar o bem do proximo, segundo a moda christã.

Fazem poucos annos que o Japão declarou injustamente a guerra á China com o fim de arranear-lhe a Mandchuria. Oh! o japonzinho estava inteiramente imbuído do christianismo moderno!

Tendo-se recusado á toda civilisação christã, a China não tinha nem exercito, nem armada nem outro meio qualquer de fazer correr o sangue humano, de modo que o pequeno Japão que nos mappas não é maior do que uma unha, triumphou facilmente de 400 milhões de Chinezes.

Os Japonezes orgulhosamente enchião-se de gloria. Porem quando quizerem forçar a China a ceder-lhe a Mandchuria, as trez potencias christãs, Allemanha, França e Russia oppuzeram-se a este roubo inqualificavel e cbrigaragam os japonezes a

retirar-se. Foi um acto louvável da parte d'estes trez povos. Na qualidade de christãos era o que deviam ter feito, dizia-se. Mas dentro em pouco vio-se com estupor que tal acção não era dictada nem por amor à China, nem mesmo pelo sentimento de justiça, de honra e de equidade.

Era simplesmente porque os Russos queriam escanotear a Manchuria para seu proprio uso e as duas outras nações pretendiam tambem pillar algumas outras partes do Imperio chinês. E agora que os Japonezes vêm a Russia apoderar-se do terreno que elles queriam roubar, precipitam-se sobre ella como demônios furiosos. Não é este, na verdade, o motivo da guerra?

A quem devemos no entanto censurar? Os Japonezes gritam que os Russos são inímites. Por sua vez os Russos dizem que os Japonezes são traiidores, ladrões. Mas a censura real recae sobre toda a christandade que apregoando bem alto sua devoção ao «Príncipe da paz» fez da guerra uma virtude popular. Aquelle que conseguir fazer correr a maior quantidade de sangue humano, será nosso idolo, nosso Deus.

Este carneiro feroz torna-se grande senhor, nós o accumulamos com todas as honras e damol-o como modelo aos nossos filhos.

Tomemos o mais vil dos nossos concidadãos, e si elle lograr matar victoriosamente, caminhar com as pernas enterradas até os joelhos no sangue dos seus semelhantes faremos d'elle um presidente, um rei, um imperador e lhe daremos entrada no Pantheon!

Os povos christãos são guerreiros, ao passo que entre os outros quasi não se vêm guerras... Estas insultuosas palavras: «scribas, phariseus e hypocritas» applicam-se ao presente mundo christão que as merece. Num candido arroubo, um prégador de Nova York exclamou um dia: «Si Jesus voltasse á terra, seria expulso das nossas igrejas». Si por acaso deixassem Christo falarem alguma igreja enquanto que em outro tempo discursasse algum grande massacrador humano, o Salvador teria os bancos por auditorio enquanto que o guerreiro seria applaudido por uma multidão de entusiastas fanaticos. Na maior parte gente muito piedosa gritando delirante com ás façanhas do matador de homens, e a quem si se fallasse das idéas humanitarias de Christo tratariam-n'as de loucas utopias.

Quando se olha as cousas de perto, vê-se que as nações christãs fundam seu imperio pela morte, pelo incendio, pelo soffrimento e pelo lucto.

Demais ellas embriagam-se; quasi que não se vê embriaguez em outra parte.

Entre os criminosos a maioria com-

põem-se de christãos, e, entre os mais educados e intelligentes encontram-se os mais incredulos. Não deveria ser assim, concordó, mas... é. A censura recae sobre todos nós em particular e sobre as egrejas em geral, que só formam hypocritas.

Não acabamos de ver a Russia temperar de piedade a sua declaração de guerra, fazendo cantar um *Te Deum* e chamando as benções do céu sobre seus exercitos? O imperador da Alemanha, como seu tio, o rei da Inglaterra, acham-se ambos penetrados de sentimentos religiosos. O defuncto Mac Kinley proclamando duas guerras uma apoz outra, cobria-se tambem de uma doce piedade. São actos estes que se devem tomar em consideração.

Esperamos todavia que o conflicto longiquo que acaba de rebentar, não trará complicações europeas, e que sobretudo a França terá bastante prudencia para conservar-se alheia a uma lucta na qual tem tudo a perder e nada a ganhar.

A. Muzzarelli.

DO ESTRANGEIRO

Italia—A sociedade anti-maçonica creada ha uma dezena de annos, na Italia, está prestes a dissolver-se. Esta sociedade é bastante mal dirigida, parece, a ponto de ter o fallecido Leão XIII negado-lhe o seu apoio. Afim de que não se extinga de todo, tratão agora de transformal-a em academia.

Foi esta celebre Sociedade que poz em scena o absurdo congresso anti-maçonico de Trento que finalisou pela confusão dos seus organisadores, mystificados por Léo Taxil.

Acaba de apparecer em Genova, um novo jornal «La Pace» cujos redactores são homens politicos, escriptores e sabios pertencentes á ordem maçonica. E' de publicação quinzenal e sustenta a ideia de paz entre as nações.

O primeiro congresso da região liguriana teve logar a 8 de Dezembro pp. no templo da Loja «Zenith» em Spezzia. Contavam-se ahi mais de cem delegados representando vinte e cinco grupos da região.

Apoz os discursos dos altos dignatarios da maçonaria italiana, o congresso passou a discutir as questões reservadas para sua ordem do dia. Decidiu-se que a maçonoria da região liguriana secundaria o movimento dos obreiros do paiz, principalmente de Genova, e que ella esforçar-se-ia pela realisação da idéa de se crearem escolas profissionais onde forma-se um pessoal civil para o serviço dos hospitaes.

Estados Unidos—O edificio maçonico em Washington, está quasi concluido. Custará cerca de 375.000

dollars e terá sete andares. No primeiro haverá uma imensa sala com capacidade para 2.000 assistentes e reservada para reuniões não maçonicas, no segundo estarão os locais destinados aos dignatarios e nos outros os templos onde as lojas de differentes ritos celebrarão suas sessões.

Republica Argentina—Saúdamos a appareção do novo confrade «Regeneração» jornal maçonico cujo primeiro numero surgiu em Buenos Ayres, onde representará o Grande Oriente Argentino do rito Azul.

Indo-China—(Hiphong) A nova inesperada da volta do Snr Broni, acaba de provocar entre os republicanos da colonia franceza, uma justa indignação, ao mesmo tempo que um profundo estupor. Os republicanos do Indo-China prote-tam energicamente contra a decisão que colloca á testa da sua administração, immediatamente abaixo do Governador, o clerical Broni. Esta decisão só se pode explicar pelo desejo de ser-se agradável á coalição clerico nacionalista.

OS HYPOCRITAS

E OS MAÇONS

Que estridor é este nos arraiaes fradescos?

Que insania, que furor hydrophobo vos acomette santos padres, e muito mais santo bispos?

Estremece, acaso, em seus profundos «licerces a religião, santa do Martyr do Golgotha?

Fallai, homens da luz; illuminai o nosso espirito em trevas, que não pode atinar com a razão das vossas amudadas consultas e da vossa desconfiança de tudo e de todos.

Dizei-nos, purissimos irmãos, qual a causa do vosso terror, dos vossos receios, dos vossos paternos cuidados por este bom povo, porque desejamos coadjuvar-vos tanto quanto em nossas forças caiba, na salvação do proximo.

Se, todavia, a religião não estremece; se a causa das vossas consultas, desconfianças, terrores, receios e cuidados não tem por movel senão a hypocrisia; se a hydra de sete cabeças que vêdes a todo o instante diante de vós é a Maçonaria apenas, que vos não deixa caminhar desassombrados para a inquisição, para o fogo, para a rapacidade e para a libidinagem.—então contaí-nos nas fileiras dos obreiros do Supremo Architecto do Universo,—porque é junto a elles que havemos da combater, porque é lá o nosso posto, porque detestamos a hypocrisia, por que adoramos a verdade, porque amamos Deus sobre todas as coisas e o proximo como a nós mesmo.

E. S.

Comparação da Maçonaria com o Clericalismo

Sendo a Maç., desde muito tempo, o alvo dos sarcasmos e dos insultos do clericalismo, é justo que uma voz se levante, a para defender e vingar dos seus detractores.

O clero accusa-a, levado por uma fatal disposição a dizer mal d'aquillo que não conhece, e desconfiar de tudo que não comprehende; e talvez firmado nos escriptos d'alguns homens malevolos, e pretendidos Maçons que movidos por uma vil especulação, teem ultrajado e calumniado a nossa instituição que elles nunca conhecerão; mas facil é o combater este errado juizo do mundo, fazendo apparecer a Maç., tal qual é, adornada dos seus verdadeiros attributos que se fossem mais bem conhecidos, ter-lhe-hia sem duvida merecido homenagens universaes.

Eis a tarefa, que vou emprender e que julgo será também util aos nossos II., novamente iniciados, que não podem possuir ainda um perfeito conhecimento do estado que abraçaram, das obrigações que ella impõe, e das vantagens que offerece.

Direi pois, que não ha instituição mais propria para fazer a felicidade do genero humano, do que a Maç., porque nenhuma outra existe, que encerre, como ella, tantos meios de reunir os homens pelos doces laços da concordia e da amizade.

Embora pense o mundo, que nós exageramos muito a Maç., quando affirmamos que o seu unico fim é manter a força e a dignidade do homem, quando dizemos que ella é um abrigo seguro contra os vicios, que manchão a sociedade; não avançamos mais do que uma verdade, que vai apparecer em toda a sua evidencia pela rapida comparação que vamos estabelecer entre as doutrinas do clero e as doutrinas da instituição Maç.

Com effeito, que é o clero, tomado no sentido moral? Que é elle, relativamente à felicidade e a desgraça do homem? De que modo chega o homem a este theatro de tribulações e de misérias? que verdades lhe ensinão? Quantas mentiras não lhe fazem crer? Quantas verdades não são contestadas e combatidas, e quantas mentiras propostas, sustentadas, recompensadas, e mesmo santificadas?

O homem, apenas entra no mundo é recebido pelas mãos do erro, este acompanha-o nos seus tenros annos e segue-o em todos os seus projectos, trazendo-o de tal modo enredado em seus innumeraveis laços, que só por uma especie de milagre o homem, creado racional e intelligente, escapa á destruição da sua intelligencia, e ao naufragio da sua razão, que se lhe affirma ser insufficiente corruptora, e um fanal enganador!

Quem de vós meus II., não fica ainda como amedrontado, lembrando-

vos dos laços seductores da mocidade; lembrando-vos dos combates, e indecisões que tivirmos de supportar; lembrando vos enfim d'essa multidão de ridiculos phantasmas, apresentados á nossa imaginação como realidades d'onde viamos pendenteo nosso destino

Eis o que o clero offerece ao homem / Eis a origem funesta das inquietações da vida! Somentes no fim de bastantes annos, e depois de haver trilhado diferentes caminhos, é que o homem como um viajante fatigado dos ventos e das tempestades, começa a abrir os olhos e a conhecer que a esphera, em que o collocaram não é aquella para que elle estava destinado; e que apercebendo-se pela primeira vez da luz de sua razão, resolve-se enfim a tomar-a por guia e amarchar com ella para o porto consolador da verdade.

Então sabe que a virtude existe sobre a terra, que não é filha da impostura, nem da mentira, e que só o amor da humanidade pode dar-lhe a existencia.

Elle deseja possuir esta virtude, e tendo procurado inutilmente, qual seja no mundo o logar da sua habitação, vem bater á porta dos nossos Templos; entra n'elles, e depois de conhecer as nossas doutrinas, e de se ter instruido n'ellas, sente nascer a paz em seu coração; então conhece que um immenso espaço separa a nossa instituição da instituição papal.

Que viu elle na instituição papal? Viu as paixões desenfreadas edificando e derrubando tudo: o orgulho apoderando-se das dignidades; a audacia exigindo respeito; a baixeza sollicitando honras; a insolencia opprimindo a modestia; a opulencia insultando a pobreza; e a ignorancia perseguindo a sabedoria; elle viu a virtude desprezada, e talvez punida; viu ingratidões, perfidias e delações, e ouviu continuamente este grito repetido: «Se o primeiro, e o mais forte; procura o poder e as riquezas; supplanta teus rivales, e aniquila teus competidores.» A Maçonaria apresenta quadros iguaes, desgraças semelhantes? Sem duvida, não e os seus mesmos inimigos, que a calunhão, não osárão ainda imputar-lhe taes iniquidades.

Na Maç., não ha primeiro nem ultimo; não ha forte nem fraco; não ha grandes nem pequenos: todos são II., todos são iguaes.

O odio, a ambição e a inveja são banidas dos seus Templos onde não se praticão baixeiras, não se obtem grandezas, nem se receião insolencias: n'elles os MMAç., só tratão da indagação da verdade, de se amarem e socorrerem mutuamente.

Se um excesso de zelo suscita, acaso, algumas disputas, bem depressa o amor do bem geral, faz que estas desapareçam, e uma confissão sincera, e a reconciliação, que d'ella resulta, restabelecem a concordia e a paz.

PERFIL

Quem vê passar pelas ruas, sempre apressado, com andar de moça dengosa, com um andar ao qual os garotos chamam *tremidinho*, não pode deixar de fitar-o attentiosamente, e esboçar um riso incognito, provocado por um mixto de originalidade typica e um que de hilariante, que se desprende da figura lovelaciana do exotico ex-vigario.

Capoira temivel da reputação alheia, phariseu intransigente, soffre de uma molestia complicada, cuja classificação anatomica eu ouso fazer assim:

Engrosso-tribuno—Imprenso-manial

Logo que aqui aportou, a primeira qualidade que exhibiu o formigão, foi uma tendencia irresistivel para as engrossatorias manifestações de todas as especies.

Immiscuiu-se abertamente, na vida mundana, onde, parece que sentia-se mais desafogado e melhor do que no convento, organisando *marches aux flambeaux*, deitando fallação e vivorios.

A missa dominical, sóbe no pulpito sempre coradinho e *barbeadinho de fresco* para deitar fallação. Está convencido de que a palavra lhe pertence, como pertenceu a Mont'Alveine a externa theorias sustentando a immobibilidade da terra, em torno da qual affirma gyrar o Sol a Lua e todos os planetas.

Tal opinião de um frade—*chefe-redactor* como já se intitoulou, do qual tracejamos o perfil, não é assombrosa, porque elle, em sciencias, já provou andar 4 seculos atraz

No pulpito da matriz enbafa-se, esguelhado, num tom romejante como Jupiter e a sua fluencia oratoria sobe de ponto, num crescendo estupefaciente e irritante, ao ponto de parecer, as vezes, estar com um dedo da mão direita enfiado no céu e com a mão esquerda a fazer certa fructa ao auditorio.

Affecta um acanhamento industrioso e sempre que falla ás moças da boa sociedade esboça um risosinho atrahente, seductor, macio, alambicado.

Como todos os frades estrangeiros vindos da Allemanha costumam familiarisar-se com a nossa lingua materna, este tem tido os seus obstaculos para conseguir boa expressão e pronunciação porque, quando falla, liga tão desastradamente os rr e os ss, fazendo tal confusão que, sem embargo das intenções, as melhores, articula obscenidades e cousas incriveis, capazes de enrubecer um frade de pedra ou lenha.

Emfim, abi está esteriotypado um vulto que, tendo-se classificado perfeitamente no espirito publico, bem mereceu do vulgo a chistosa alcunha de *Pedro Barulho*.

Lages, 12 de Abril de 1904

Um Carola

TYP. DO GAB. LEALDADE